

A palavra droga (*drug*, no inglês; *drogue*, no francês) vem da palavra *droog*, encontrada no holandês antigo, significando “coisa seca”. Isso porque a “coisa seca” era ervas da natureza com a qual se fazia chás, infusões, beberagens, compressas para tratar a saúde. Assim, a droga era um medicamento.

A palavra droga não traz em si nenhuma característica pejorativa. Hoje, droga tem dois significados correntes. Se fizer bem ao organismo, poderá ser um medicamento, como o são o ácido acetilsalicílico (é a popular aspirina) ou a penicilina, o antibiótico. Se a droga fizer mal ao organismo vivo, será chamada de veneno (ou tóxico). Assim, a palavra droga significa substância de origem vegetal, animal, mineral ou sintética que provoca efeitos no organismo animal (humano, inclusive), podendo constituir-se em medicamento ou veneno, segundo faça benefícios ou malefícios nele.

Na medida em que o tempo passou, e algumas drogas passaram a fazer um tipo especial de malefícios ao ser humano, elas passaram a ser chamadas pelo nome genérico de drogas que fazem malefícios ao ser humano. Podem dar dependência, causar “overdose” e dar problemas com a legislação. Nessa hora, a palavra droga deixou de ser um substantivo e passou a ser um adjetivo superlativo. Tornou-se também uma palavra polissêmica, isto é, com vários significados e novas aplicações. Assim, dizemos também: filme droga, chefe droga, política droga, marido droga, namorada droga, e por aí vai.

Podemos ver que a palavra droga é usada em nossa cultura como uma interjeição. Você tropeça numa pedra e pode dizer um palavrão ou dizer droga! A palavra droga já faz parte do nosso cotidiano linguístico nos meios de comunicação e nas ruas. Assim, em algum momento, uma criança vai perguntar aos seus cuidadores, professores e amigos qual é o seu significado. E poderá ouvir uma resposta pedagógica. Ou não. Fazer prevenção ao abuso de drogas é, também, se antecipar à pergunta, dando-lhe uma resposta ética, científica e adequada à sua idade.

Uma droga medicamentosa, como um tranquilizante benzodiazepínico como o diazepam, por exemplo, é muito útil para pessoas que dela precisem. Porém, quando mal utilizada, pode transformar-se numa droga maléfica àquela pessoa, se tomada sem necessidade, em doses maiores do que a recomendada, e por tempo superior ao indicado. Pode levar a uma

dependência psicológica e física. Ou seja, medicamentos mal utilizados também são drogas tanto quanto as ilegais, como maconha, cocaína e crack, entre outras.

Tanto as drogas legais (como álcool e medicamentos) como as drogas ilegais (como maconha e cocaína) podem em certas condições de consumo determinar um quadro chamado de dependência química. No estado de dependência, o sujeito perde sua autonomia, sua capacidade de decidir sobre sua própria vida e sobre o que fazer em cada momento. Está dependente, ou seja, está sob o comando de algo que é superior a ele. No caso, a droga. Ele até quer parar de usar a droga e decide parar, mas não consegue.

Dependência química e Farmacodependência são sinônimas, tanto quanto farmacodição e drogadição, significando o processo de ficar dependente de uma droga da qual se está abusando do consumo. Temos também o termo Toxicomania (do grego *toxikon* = veneno + *mania* = loucura). Dentro dessas terminologias, encontramos os quadros chamados de Dependência Psicológica e Dependência Física.

Na Dependência Psicológica, a droga passa a fazer parte do mundo simbólico do indivíduo e a fazer parte dos seus desejos e vontades. Podemos ter uma dependência afetiva por pessoas (amigos, parentes) e por objetos de estimação (canetas, relógios, *pen-drive*, CDs etc.) que fazem parte de nossas vidas. Quando os perdemos (pessoas e objetos), sentimos muito a sua falta. Mas superamos isso sem maiores dificuldades ao longo do tempo, a menos que tenhamos desenvolvido uma relação patológica com essas pessoas e objetos.

Com relação à droga, acabamos, ao longo do seu consumo, desenvolvendo uma relação patológica com ela. Ela passa a fazer parte importante de nossa vida e já não conseguimos nos separar dela. Com esse consumo progressivo, acabamos chegando ao estado de Dependência Física. Nesse momento, a droga ingerida passa a fazer parte do metabolismo e do funcionamento interno do nosso corpo. Se ela faltar, o nosso corpo sente a sua falta, independente da nossa vontade de ingeri-la ou não. Nessa hora, a pessoa já não tem o controle de querer ou não tomar a droga. O seu corpo exige que ela seja tomada.

Quando o indivíduo entra no quadro de dependência física, ele tende a aumentar progressivamente a dose da droga abusada. Isso porque o fígado passa a destruí-la cada vez mais rápido, tentando evitar um dano maior ao organismo. Igualmente, o cérebro se adapta

à presença da droga, diminuindo o seu efeito. Com isso tudo, para manter os efeitos prazerosos anteriores, há a necessidade de aumentar a dose.

E, se não tomar, o corpo entra num estado chamado de Síndrome de Abstinência, que é o conjunto de sinais e sintomas que o corpo apresenta devido à ausência da droga rotineira. Cada droga de abuso tem sinais e sintomas específicos que serão estudados em disciplina futura, bem como o tratamento.

UNIDADE 3

A HISTÓRIA DA DROGA E SEU ABUSO

Como os meios de comunicação muito falaram do movimento *hippie* dos anos 1960 e do *boom* da cocaína dos anos 1970, muitas pessoas acreditam que a questão da droga é recente, contemporânea. Na verdade, a droga é uma questão muito antiga, que se confunde com a própria história do homem.

O livro mais antigo do mundo, a Bíblia, segundo Jaffe, Petersen e Hogson (1988), cita o álcool 165 vezes, sem contar o primeiro milagre de Jesus Cristo – nas Bodas de Caná – quando transformou água em vinho, e ainda tem a embriaguez de Noé, que tomou muito vinho e ficou nu perante sua família. Recentemente, encontramos um número ainda maior de citações sobre o álcool na Bíblia com conotações tanto positivas quanto negativas com respeito ao seu consumo.

Sugestão: cuidado com o contexto em que se fala sobre drogas durante a prevenção. As interpretações podem ser inesperadas. Certa vez, um aluno de sete anos concluiu: se Jesus transformou água em vinho, e nunca fez o contrário, então o álcool não deve fazer tanto mal assim.

Há consenso entre antropólogos, como citado por Roselli-Cruz e Dias (1991), de que a droga de abuso foi, provavelmente, descoberta pelos primeiros homens primitivos, moradores de cavernas. Eles eram coletores da natureza, alimentando-se do que a vegetação lhes fornecia. Eram nômades, pois, quando a comida acabava, mudavam-se para outro lugar. Nessa busca de alimentos, encontraram plantas que os nutriam e plantas que, quando ingeridas, os matavam. Eram venenos vegetais, tão potentes quanto os venenos animais. Nessa busca de vegetais para a alimentação, como descrevem Roselli-Cruz e Dias (1991), o homem primitivo comeu algum que o deixou adormecido, sem reação ao mundo exterior, e com uma incrível sensação de bem-estar e prazer.

As tribos primitivas adquiriam esses conhecimentos e os transmitiam de forma oral e depois por inscrições rupestres aos seus descendentes. Paredes de cavernas, pedras e papiros corroboram esses fatos. Acredita-se que uma dessas plantas, com efeitos depressivos,

poderia ser a papoula, da qual se extrai o ópio, que permite a fabricação de analgésicos, como a morfina e a meperidina, e da heroína.¹ É muito provável que o homem da caverna tenha aprendido a usar os benefícios analgésicos dessa e de outras plantas narcóticas, que dão uma grande sensação de bem-estar, e que tenha também aprendido a controlar o seu uso.

Afinal, o abuso de tais plantas o deixaria no meio da floresta, colocando em risco sua sobrevivência. Narcotizado, ele seria predado por animais selvagens, não se defenderia, e nem à sua família, de tribos inimigas. E seria abandonado pelo seu grupo quando necessitasse caminhar para novas plagas à procura de comida. E sob a ação narcótica da droga não poderia ele encontrar o seu próprio alimento.

Em outra oportunidade, o homem da caverna pode ter comido uma planta que o deixou excitado. Seria um estimulante. Poderia ser uma rubiácea, da qual se tira o café, chá-mate ou chá preto, em que encontramos o estimulante fraco cafeína. Ou ainda poderia ser a planta *Erythroxylum coca*, substrato para a preparação do cloridrato de cocaína. As drogas estimulantes suprimem por algum tempo o cansaço, o sono e a indisposição corporal, facilitando a atividade esportiva e física.² Além de aumentar a atividade muscular, os estimulantes inibem o centro da fome no hipotálamo do nosso cérebro, diminuindo o apetite. Com isso, a pessoa pode perder peso.³

O homem da caverna passou a usar essas plantas estimulantes com o objetivo de fazer grandes caminhadas, atravessar grandes geleiras ou regiões desérticas para buscar alimentos ou conhecer outras áreas até então desconhecidas. Mas logo teve que desenvolver um

1

A heroína, lembremos, é considerada a mais perniciosa das drogas de abuso, pois sua dependência psíquica e física se instala muito rápido. A síndrome de abstinência é muito grave e é muito ligada à criminalidade para ser obtida, uma vez que é a droga mais cara no mercado do tráfico.

2

Por essa razão, os estimulantes como cafeína e cloridrato de cocaína, entre outros, são proibidos em atividades esportivas, caracterizando seu uso o chamado “*doping* esportivo”.

3

Por isso, essas drogas estimulantes, inclusive a cocaína, além da dietilpropiona, femproporex e mazindol, são usadas como moderadores do apetite. A perda de massa corporal realmente ocorre durante a ação da droga. Mas quando se para de tomá-la, o centro da fome no hipotálamo volta a trabalhar e o faz agora em excesso, recuperando o apetite perdido e a massa corporal perdida. O acréscimo de peso pode chegar até a 20% a mais além do que foi perdido e recuperado. Não é conduta clínica recomendável (GARATTINI e SAMARIN, 1978; GOODMAN & GILMAN, 2006).

controle social pelos danos biológicos causados pela droga estimulante. Afinal, nenhuma droga estimulante (medicamentos anoréxicos, cafeína ou cocaína) traz energia para o corpo humano. A energia gasta durante a ação da droga é uma energia já acumulada para ser gasta no futuro. Se a droga estimulante gasta agora a energia que deveria ser gasta no futuro, haverá um “déficit” energético no futuro. Essa energia acumulada, para ser usada como reserva, tem a função de manter a homeostase do organismo durante situações de *stress*, doenças, fuga, emergência etc. A droga estimulante leva a uma rápida deterioração da qualidade de vida do usuário.

Ainda em busca de alimento, em outra oportunidade, o homem da caverna comeu algumas plantas que lhe causaram grande impacto sensorial e perceptivo, o que o levou a confundir a realidade com o imaginário: seriam as plantas alucinógenas. A propriedade alucinógena é encontrada em plantas como a maconha, alguns cogumelos, alguns cactos e plantas que têm em sua composição substâncias com propriedades anticolinérgicas.^{4 5} A nossa flora é muito rica em plantas com esses efeitos.

Para o homem da caverna e para as tribos primitivas contemporâneas, como os nossos índios, a substância alucinógena cumpriu e cumpre uma expressiva função psicossocial. Ela foi incorporada aos rituais de magia e pajelança. Ou seja, existe um controle social para o seu uso. Não é/não era qualquer índio que a usa/usava. E quem a pode usar não o faz a qualquer momento, por recreação pessoal. O seu uso é apenas permitido durante os rituais de magia, cerimônias religiosas para pedir pela fecundidade da tribo e do solo. Ou ainda durante os rituais de pajelança para o tratamento de doentes da tribo.

A Lei de Entorpecentes do Brasil permite aos índios, em território brasileiro, o plantio e uso dessas plantas que já fazem parte de sua cultura. As legislações nacionais no mundo todo tendem a permitir esse uso antropológico de drogas em tribos primitivas por recomendação da OMS – Organização Mundial da Saúde. Com isso, vemos que o homem primitivo

4

Propriedades anticolinérgicas são aquelas de substâncias cuja ação farmacológica se dá pelo bloqueio de receptores farmacológicos com ação colinérgica, isto é, da acetilcolina (GOODMAN e GILMAN, 2006).

5

O protótipo da droga alucinógena é a dietilamida do ácido lisérgico, mais conhecida como LSD; portanto, pertencente ao gênero feminino. Não tem no Brasil maior significado epidemiológico ou clínico, devido ao seu baixo consumo. Mais usados como alucinógenos são a maconha, medicamentos anticolinérgicos e chás do tipo do Santo-Daime.

conhecia os três grandes grupos de drogas de abuso: os depressores, os estimulantes e os alucinógenos. Porém, são também considerados drogas o álcool e o tabaco, que o homem da caverna também conhecia.

Um dia, após colher muitas frutas, ele as guardou num buraco na pedra, em frente à sua caverna. À noite, choveu e a água empoçou no buraco, dissolvendo a frutose das frutas. O vento e os insetos trouxeram levedos e fermentos que se depositaram naquela água com o açúcar e o sumo das frutas amassadas. Durante o dia, o Sol aqueceu aquele caldo e catalisou o processo de fermentação que transforma água em álcool. É um processo simples que o homem foi aperfeiçoando durante séculos.

Algum tempo depois, o homem experimentou aquela bebida empoçada e gostou. Com criatividade, descobriu que frutas como uva, cana-de-açúcar etc. tinham o poder de fazer bebidas com maior teor alcoólico. Num outro momento, após ter descoberto e dominado o fogo, inúmeras outras drogas e preparações foram incorporadas à sua cultura. Ele aquecia a água e fazia chás e infusões, extraíndo princípios ativos farmacológicos das plantas, princípios esses não encontrados quando ele as comia cruas.

Com o domínio do fogo, esse homem histórico começou a buscar mais conforto. E um dia, após enrolar algumas folhas secas e colocar fogo numa das pontas do canudo e assoprar do outro lado, construiu um instrumento que, ao fazer fumaça, espantava insetos, mosquitos e pernilongos de sua caverna, permitindo-lhe um sono mais tranquilo. Com o tempo, além de assoprar a fumaça, produto da queima das folhas secas, passou também a chupá-la, ingeri-la e a controlá-la na garganta e nos pulmões. Tinha inventado o cigarro. E foi o início de uma história de problemas de saúde para a humanidade, dentro do que se chamou de “males previsíveis e evitáveis de agravos à saúde humana”, segundo a OMS.

Como se pode observar, a droga não é algo recente; pelo contrário, ela se confunde com a própria história da humanidade. Se o homem primitivo já conhecia os principais tipos de drogas, incluindo o álcool e o tabaco, o progresso da ciência tornou essas drogas muito mais poderosas. Se a bebida alcoólica feita no buraco em frente à caverna tinha cerca de 3 a 4% de álcool, a indústria de bebidas faz hoje a tequila mexicana, por exemplo, com cerca de 75 a 80% de concentração alcoólica. E faz uísques com cerca de 40% de álcool. E vinhos com 12%. Isso se traduz em mais danos sociais e ao organismo vivo.

Os laboratórios farmacêuticos produzem medicamentos anticolinérgicos com efeitos alucinógenos muito mais poderosos do que os de qualquer planta da floresta amazônica, como alguns medicamentos para tratar do quadro de Parkinson com a droga triexifenidil. E a concentração de nicotina nos fumos de última geração, obtidos por melhoramento genético, induz à dependência com mais facilidade e rapidez. Já existe o melhoramento genético de maconha, passando a concentração de THC – tetraidrocanabinol – de 0,8 a 12%, o que aumenta o poder de propiciar alucinação ao se fumar o produto.

Se, por um lado, o homem primitivo tinha conhecimento e acesso a essas drogas, ele também desenvolveu um controle social eficiente para evitar o seu abuso. Mas, ao longo do tempo, a sociedade perdeu esse controle social. Necessitou-se, então, elaborar um controle jurídico, sob a forma de leis de restrição e controle do uso de drogas com potencial de abuso. Cabe lembrar que algumas dessas drogas hoje proibidas já foram no passado recomendadas pela medicina. Byck (1989) e Cesarotto (1989) relatam as experiências pessoais de Sigmund Freud com a cocaína e analisam trabalhos em que o psicanalista austríaco a prescreve a pacientes. No caso, esse uso, diga-se de passagem, foi um fracasso e, logo depois, sua prescrição e venda foram proibidas.

Igualmente, o refrigerante Coca-Cola,⁶ conhecido mundialmente, quando foi lançado em 1896, na cidade de Atlanta, no estado da Geórgia, nos Estados Unidos da América, tinha em sua composição a cocaína. Em 1914, o Congresso Norte-Americano promulgou a chamada “Lei Harrison de Narcóticos”, proibindo o plantio, uso e comercialização da cocaína, entre outras drogas. Desde então, a Coca-Cola trocou a cocaína pela cafeína⁷ em sua composição e passou a usar apenas os pigmentos gustativos da planta, mas sem os princípios farmacológicos que podem atuar como psicofármacos. Por outro lado, a heroína, no começo do século passado, também era vendida em farmácias. E temos a LSD (a palavra é feminina, pois se trata da dietilamida do ácido lisérgico), que também teve sua época ao ser chamada de “droga revolucionária” para a psiquiatria e ser prescrita por médicos e vendida em

6

Na verdade, a planta *Erythroxylum coca*, da qual se extrai a pasta da coca, que trabalhada farmacologicamente se transformará em cloridrato de cocaína, também tem uso comercial, por possuir muitos pigmentos gustativos de aplicação em culinária e bebidas. Apenas uma empresa norte-americana tem autorização para importar da Bolívia e do Peru as folhas e fazer o processamento industrial para abastecer o comércio. A Coca-Cola é proprietária dessa firma e sua maior cliente.

7

Embora a cocaína e a cafeína sejam classificadas farmacologicamente como estimulantes, a cafeína, presente no café, chá preto e guaraná é muito mais fraca e seu potencial toxicomanógeno é baixo.

farmácia, até ser proibida. Era indicada para facilitar a psicoterapia e as projeções da fala do paciente.

Após esse panorama sobre a história da droga, tentaremos mostrar, a seguir, uma breve história das etapas referentes à questão da droga no Brasil e sua prevenção.